



Rembrandt Van Rijn (1606-1669),
pintor holandês

O verbo-visual como texto: o autorretrato

Maria Inês Batista Campos
maria.maricamp@gmail.com
USP

23/09/2013

Projeto discursivo verbo-visual: bases teóricas

(1) “O autor e o herói na atividade estética”; (1979/1990-
inglês), na obra de coletânea *Estética da criação verbal*

(2) *Conceitos:*

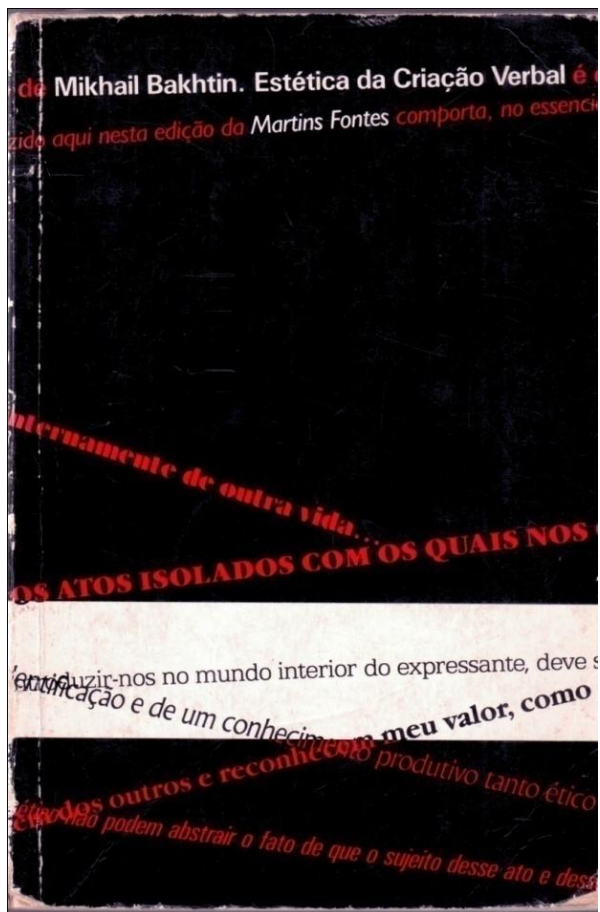
texto, enunciado, de excedente de visão, autoria, exterioridade
exterioridade, de excedente de visão, de autoria

(3) *Análise de algumas pinturas citadas por Bakhtin como texto*
verbo-visual.

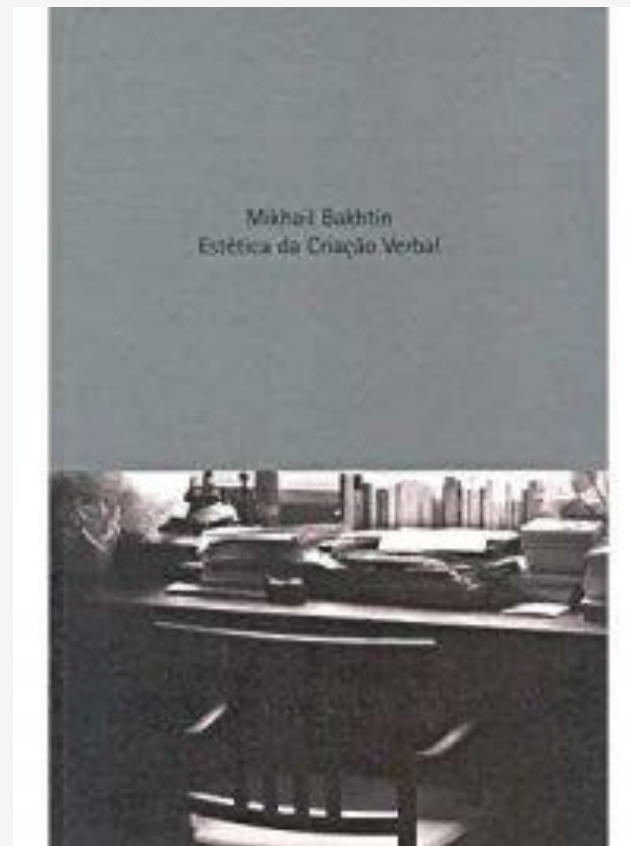
Objetivos

- 1) Destacar as informações insuficientes em torno do autorretrato de Rembrandt presentes nas duas traduções brasileiras de *Autor e herói na atividade estética* (década de 1920);
- 2) Destacar textos de Leonardo da Vinci e Rafael presente no texto, com frequência, não identificado, pelos leitores de Bakhtin. Esse procedimento acaba por gerar leituras que focalizam somente textos verbais.
- 3) Analisar dois autorretratos de Rembrandt, considerando os conceitos bakhtinianos de exterioridade, de excedente de visão, de autoria;

1ª edição, a partir do francês,
1992. Trad. Maria Ermantina
Gomes



4ª edição, a partir do russo, 2003
Paulo Bezerra



O autor e a personagem na atividade estética

Organização em 5 capítulos:

- 1) O autor e a personagem
- 2) A forma espacial da personagem
- 3) O todo temporal da personagem (a questão do homem interior – da alma)
- 4) O todo semântico da personagem
- 5) O problema do autor

O autor e a personagem

Proposta inicial:

Compreender a relação arquitetônica estável e dinâmica viva do autor com a personagem

Autor-pessoa x autor criador

Distinção do autor-criador (função estético-formal engendradora da obra)

Autor-pessoa (escritor, artista)

Consequências da incompreensão do princípio criador da relação do autor com a personagem

Caráter criativamente produtivo do autor e sua resposta à personagem:

Autor é constituinte do objeto estético (elemento imanente ao todo artístico). É aquele que dá forma ao objeto estético, o pivô que sustenta a unidade do todo esteticamente consumado.

Característica básica do autor

Materializar uma certa relação axiológica com o herói e seu mundo.

Sua presença se dá na estrutura da imagem, no ritmo do aparecimento, na estrutura da entonação e na escolha dos elementos semânticos.

Posição axiológica do autor

Autor conhece tudo o que e como cada personagem enxerga e conhece mais do que elas e, por princípio, enxerga e conhece o que é inacessível a elas.

Excedente de visão é determinado e estável em relação a cada personagem e se encontra no todo da obra.

Para viver é preciso ser inacabado, aberto para mim, preciso ainda me antepor axiologicamente a mim mesmo, não coincidir com a minha existência presente.

Posição axiológica do autor

3 casos típicos de desvio da relação direta do autor com a personagem:

- Autor deve colocar-se à margem de si; deve tornar-se outro em relação a si mesmo. Se o autor perde o ponto de distância em relação à personagem, pode ocorrer:

- A) personagem assume o domínio sobre o autor.

Ex.: personagens centrais de Dostoiévski, Tolstói, Kierkegaard, Stendhal;

- B) autor se apossa da personagem, introduz-lhe no interior elementos concludentes; Ex.: personagem do romantismo

- C) personagem é autora de si mesma, apreende sua própria vida esteticamente, parece representar um papel; é auto-suficiente e acabada de forma segura.

“Exterioridade” como dimensão ética da arte

A teoria de arte de Bakhtin pouco se ocupa de regras prescritivas, de diretrizes e de problemas artísticos particulares como simetria e harmonia. [...] Uma obra de arte deve [...] ser singular (única e não sistematizável); responsiva (“assinada” por seu autor ou beneficiário, responsável); “participatória” (orientada para outra consciência, merecedora de resposta); sua execução deve ser assumida com um espírito de “amor estético”. A condição que torna possíveis todos esses atributos é a exterioridade.

(Emerson: 2003, p. 253)

A forma espacial da personagem

1. O excedente da visão estética

O princípio de exterioridade exige do escritor que ele desista de sua linguagem, saia dela, liberte-se dela, olhe-a pelo olho de outra linguagem, desloque-a para outrem ao mesmo tempo em que se desloca para outra linguagem.

A contemplação estética e o ato ético não podem abstrair a singularidade concreta do lugar que o sujeito desse ato e da contemplação artística ocupa na existência.

Momentos da atividade estética:

1º **compenetração**: devo vivenciar o que o outro vivencia, colocar-me no lugar dele;

2º **acabamento**: retorno a nós mesmos e ao nosso lugar fora da pessoa que sofre.

O excedente de visão estética

Esse excedente da minha visão, do meu conhecimento, da minha posse – excedente sempre presente em face de qualquer outro indivíduo – é condicionado pela singularidade e pela insubstituíbilidade do meu lugar no mundo: porque nesse momento e nesse lugar, em que sou o único a estar situado em dado conjunto de circunstâncias, todos os outros estão fora de mim.

(BAKHTIN. Autor e herói, 2003, p. 21-22)

A imagem externa (p. 25)

“Como vivenciamos a nossa própria imagem externa e a imagem externa no outro?”

“Em que plano do vivenciamento está o seu valor estético?”

(BAKHTIN. Autor e herói, 2003, p. 25)

Auto-contemplação

Para produzir uma obra de arte, o autor precisa se posicionar axiologicamente frente à própria vida, submetendo-a a uma valoração que transcenda os limites do apenas vivido.

O autor precisa se tornar outro para poder falar de si mesmo, precisa olhar-se com um certo excedente de visão e conhecimento.

O ato de autocontemplação no espelho – nunca vemos no espelho a face que efetivamente temos na vida vivida: vemos apenas um reflexo do nosso exterior e não a nós mesmos em termos de nosso exterior, porque estamos em frente ao espelho e não no seu interior.

Ao olhar no espelho, meus olhos olham olhos alheios. Estou possuído pelo outro.

Pressuposto bakhtiniano: **primado da alteridade**

Eu-para-mim-mesmo se constrói a partir do eu-para-os-outros. (Hegel)

Representação do eu (autorretrato)

Eu não me vejo a mim mesmo; eu me vivencio de dentro. [...] Todas as personagens estão igualmente expressas em um plano plástico-pictural de visão, ao passo que na vida a personagem central –o eu – não está externamente expressa e dispensa imagem.

(BAKHTIN. Autor e herói, 2003, p. 26-27)

Notas de traduções

Autorretrato de Rembrandt van Rijn

Edição brasileira (1992): não há menção.

Edições argentina (2002)

Brasileira (2003): notas remetem à tela *Autorretrato com Saskia em seus joelhos* ou *O filho pródigo no bordel* (1635).

Tradução americana (1990)

Edição russa *Obras reunidas* (2003): as indicações remetem a tela *Rembrandt, Autorretrato* (1662/1665).



Bakhtin comenta que o homem que ri sempre lhe provoca uma impressão horripilante (2003, p. 32).

Rembrandt.
Autorretrato sorridente.
Óleo sobre tela. 1665. Museu de Wallraf-Richartz, Colônia, Alemanha.



Autorretrato com Saskia em seus joelhos ou O filho pródigo no bordel (1635); óleo sobre tela, 1,61 x 1,31, na Gemäldegalerie Alte Meister, Dresden.



Mikhail Vrubel (1856-1910)
Autorretrato. 1905,
carvão e sanguina. Galeria
Tretyakov, Moscou.

O vivenciamento das fronteiras externas do homem

Um elemento importante na visão plástica-pictural:

Só no outro indivíduo me é dado experimentar de forma viva, estética e ética a finitude humana, a materialidade empírica limitada.

A imagem externa pode ser vivenciada como uma imagem que conclui e esgota o outro, mas eu não vivencio como algo que me esgota e me conclui.

Para evita mal-entendidos, salientemos que não abordamos os elementos cognitivos: nos importa apenas o vivenciamento concreto, sua pura capacidade de persuasão estética.

Rumores de dois autorretratos

- Representar o próprio eu exige um esforço especial.

- Bakhtin enfatiza:

eu não me vejo a mim mesmo; eu me vivencio de dentro. [...] Todas as personagens estão igualmente expressas em um plano plástico-pictural de visão, ao passo que na vida a personagem central – o eu – não está externamente expressa e dispensa imagem (2003, p.26-27).

4. O corpo como valor: o corpo interior (p.44)

Diferente do ponto de vista do enfoque biológico do organismo, do enfoque psicofisiológico, Bakhtin coloca a questão nos planos ético e estético e parcialmente religioso.

Corpo no cristianismo: São Francisco, Giotto, Dante.

Corpo no Renascimento: solidão

Fora da pureza interior: Leonardo, Rafael, Michelangelo

O corpo exterior

Uma das correntes estéticas mais elaboradas do final do século XIX e começo do século XX: empatia.

“Função expressiva e função impressiva do corpo exterior como fenômeno estético”. p. 57

Crítica dos fundamentos que Bakhtin considera incorreta por ser estática (p. 59)

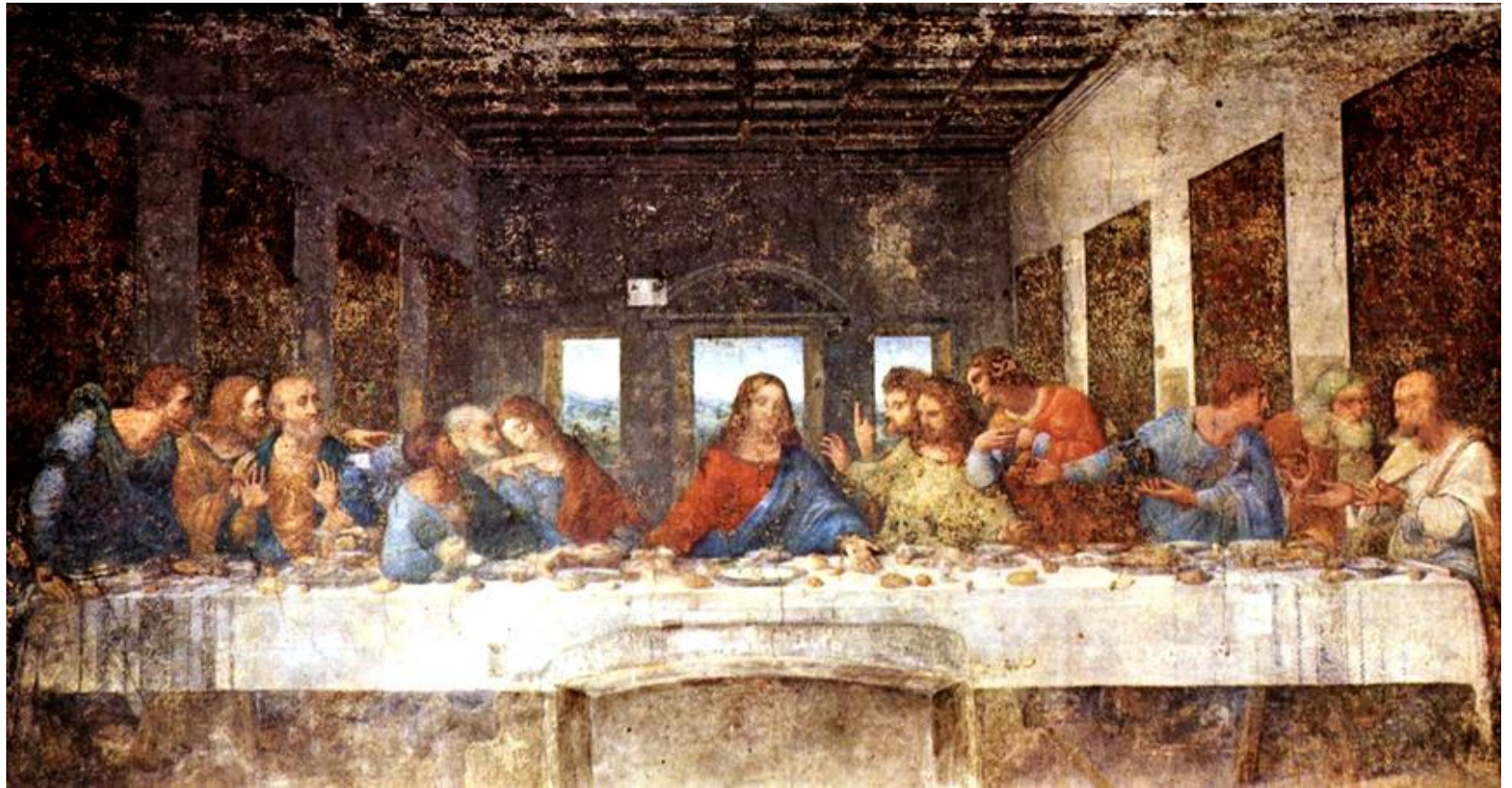
Ex: *Leonardo da Vinci. A santa ceia (1495-1497) Mural. 460 cm x 880 cm. (p.59)*

Bakhtin levanta 2 insuficiências da teoria expressiva

1. A estética expressiva é incapaz de explicar o todo de um obra

Bakhtin levanta a seguinte pergunta:

De que modo posso vivenciar o todo estético da obra?



“A estética expressiva não pode fundamentar a forma.”

A forma da Madona Sistina expressa a Madona, a mãe de Deus; se dissermos que ela exprime Rafael e a sua concepção de madona, estaremos dando à expressão um sentido totalmente diferente, estranho à estética expressiva, uma vez que, nesse caso, a expressão não exprime de modo algum o homem-Rafael, sua vida interior. [...] A forma deve nos levar a um ponto: ao vivenciamento interior do objeto, proporciona apenas o vivenciamento empático ideal com o autovivenciamento do objeto.

(AH, p. 62-63)



Rafael. A madona Sistina. Tela
Óleo. 1513-1514.
Gemäldegalerie. Alte Meister,
Dresden, Alemanha.

Fronteira entre a vida e a arte

O autor deve estar situado na fronteira do mundo que ele cria como seu criador ativo, pois se invadir esse mundo ele lhe destrói a estabilidade estética.

(AH, p. 177)

Fronteira entre a vida e a arte

A cultura estética é uma cultura de fronteiras e por isso pressupõe um clima caloroso de profunda confiança que abarque a vida. A instalação das fronteiras externas e internas do homem e do seu mundo só pode efetuar-se num clima de certeza, em que esteja sólido o fundamento de uma posição exotópica, em que o espírito possa permanecer em plena posse de suas forças e agir.

(AH, p. 188/217)

3 categorias da constituição da personagem

1. A forma espacial da personagem

excedente de visão

2. O todo temporal da personagem

A forma temporal esteticamente válida de sua vida interior se desenvolve do excedente inerente à visão temporal de um outro ser

3. O todo significativo da personagem

Não há forma espacial e temporal, mas formas de significado.

A realização estética é parte integrante do evento da vida, e não um objeto autônomo, regido por leis internas próprias. A estetização é um processo de afastamento, de acabamento, de tudo aquilo que, por sua natureza vital, é inacabado e parte integrante e inconclusa da experiência interior, do fluir da vida.

Dimensão estética dos textos verbo-visuais

1. Necessidade de manter a autonomia das duas consciências que se confrontam no campo da contemplação estética sem querer fundi-las.
2. Bakhtin procura ultrapassar as tendências dominantes no campo da estética no final do século XIX, principalmente o ato de simpatia e de empatia.

“Essas teorias empobrecedoras, que tomam por base da criação cultural a rejeição ao lugar único que ocupo e à minha contraposição aos outros, a incorporação a uma consciência única, a solidariedade e até a fusão – todas essas teorias, e sobretudo a teoria expressiva em estética, encontram explicação de toda a cultura filosófica dos séculos XIX e XX; a teoria do conhecimento tornou-se o modelo para todas as teorias de todos os outros domínios da cultura”.

Bakhtin, AH, 2003, p.80-81.